

CORREIO SATURNINO

Roberto Saturnino Braga

Artigo nº 257/2013

REALITY, A GRANDE ILUSÃO

O cinema italiano (Matteo Garrone) resolveu criticar a televisão, símbolo da sociedade de consumo e de espetáculo, e fez um filme bem interessante, divertido e trágico, leve e denso, com excelentes atores, dentre os quais se destaca o personagem principal, que na vida real é um condenado, preso, que cumpre pena bem pesada (Aniello Arena), repetindo o feito de outros criminosos italianos presos, que atuaram no belo filme “César deve morrer” recentemente apresentado aqui no Rio. São artistas natos, “gli italiani”, desde o Renascimento, desde a “Comedia del'arte” ou desde sempre.

O filme retrata bem o fascínio e o engodo da televisão, o magnetismo irresistível que exerce e a ilusão devastadora que pode provocar. A ação se desenrola num bairro modesto de Nápoles, no seio de uma família napolitana, com figuras fellinianas, falando seu dialeto cantante, na sonoridade das palavras e na expressão das faces, dos gestos, das mãos, no apetite glutão. A praça é napolitana em toda a sua confusão, abençoada pelo Cristo; as casas e edifícios da cidade antiga, meio que arruinada, o perfil majestoso do Vesúvio ao longe, no fundo. Destaca-se nesse ritmo de tarantela o líder da comunidade e da família, Luciano, um comerciante de peixes, que tem atividades marginais complementares, talentoso no comércio e no trato, na convivência humana, no alegre teatro da vida.

Talentoso e ingênuo, com uma inigualável qualidade no olhar, que é competentemente bem explorada pela direção do filme, Luciano, consciente do seu talento e não da sua ingenuidade, candidata-se a participante de um programa de televisão do tipo “reality show”, “Il Grande Fratello”, de enorme sucesso de audiência em toda a Itália. E todo o filme se desenrola a partir dessa candidatura, mais fascinante do que qualquer candidatura política, fascinante e desestruturante. Claro que não vou contar o filme.

Digo só que é um filme bem italiano, protagonizado pelos mais italianos dentre os italianos, os napolitanos, com sua ruidosa verve musical. Quem tiver imaginação pode bem entrever origens mais antigas e se perguntar se era desse timbre a vida de Pompéia.

O tipo de programa “Big Brother”, inspirado na idéia de Orwell da sociedade inteiramente controlada pelo Grande Irmão, que sabia de tudo de todos pela vigilância televisiva permanente das vinte e quatro horas de suas vidas, pretende revelar a convivência humana na sua forma mais espontânea e crua, sem nenhuma interposição de qualquer censura. Parece ter encontrado a fórmula mais completa da espetacularização da vida humana, e difundiu-se com enorme sucesso de público em todo o mundo ocidental. Nesses programas, a câmera focaliza um grupo que se exhibe em todas as situações mais íntimas como se estivesse vivendo naturalmente seu dia-a-dia; e vai exibindo os talentos dos participantes, os talentos de expressão humana e principalmente de convivência humana, julgados pelos observadores simples do povo.

Roberto Saturnino Braga

Contatos: saturnino.braga@uol.com.br
www.saturninobraga.com.br

CORREIO SATURNINO

Roberto Saturnino Braga

Artigo nº 257/2013

Nada mais difícil na vida em sociedade do que a convivência humana, os problemas relativos ao contato e aos conflitos inevitáveis no dia-a-dia com outras pessoas, próximas ou distantes, contatos isolados ou cotidianos, A grande problemática da convivência apresentada sem artifícios através da câmera indiscreta focalizando um grupo forçado à intimidade sob um mesmo teto por um bom espaço de tempo. Esta proposta original, interessante, que poderia até ser psicologicamente didática e indicadora de formas e habilidades para uma convivência ética e sadia, naturalmente descambou, em busca de público, para uma exibição de baixo nível em quase todos os casos, frequentemente resvalando para a pornografia, que findou sendo uma razão adicional de sucesso do programa.

A outra face do fascínio e da exploração do sentimento popular exercida pelo “reality” está na possibilidade de qualquer pessoa que tenha talentos de convivência a exhibir, talentos natos e espontâneos que não exigem grande esforço de estudo e aperfeiçoamento, qualquer pessoa que os tenha poder se transformar em um milionário famoso em poucos dias. Nessa aventura se envolveu o Luciano, o protagonista do nosso filme, acreditando no talento de trato e convivência que de fato tinha, e numa afinidade rápida que teria encontrado com o poderoso apresentador do Grande Fratello, o grande e magicamente engrandecido “Enzo”.

Os italianos está voltando e vale a pena vê-los; é o melhor filme da temporada.

Roberto Saturnino Braga

Contatos: saturnino.braga@uol.com.br
www.saturninobraga.com.br